



# O TEMPO PARA SE APRENDER UMA LÍNGUA ESTRANGEIRA: A EXPECTATIVA E A COMPLEXIDADE DE UMA RESPOSTA

DANILO POSPIESZ DE OLIVEIRA

## 1. INTRODUÇÃO

A quantidade de horas que se deve estudar uma língua estrangeira para que se atinja determinado nível de fluência/proficiência é um assunto cuja solução perpassa por diversas incógnitas e variáveis. Ainda que essas horas possam ser mais elásticas que o desejável, elas devem ser analisadas e consideradas para que se determine um desvio padrão máximo que esteja inserido dentro de limites para a consecução de determinados objetivos. Tal situação provoca, em qualquer instituição de ensino, planejamentos e estudos rigorosos; todavia, na Academia Militar das Agu-

lhas Negras, que apresenta claros e elevados padrões a serem atingidos com periodicidade predeterminada, esses estudos devem ser ainda mais pormenorizados.

A aludida quantidade de horas com valor elástico, associada às demandas do Exército no que concerne a idiomas, que têm fulcro na inegável realidade atual do Oficial do Exército Brasileiro, geram uma expectativa de aprendizado. Essa situação impõe que todos os profissionais responsáveis pela formação trabalhem na melhor compreensão do processo ensino-aprendizagem para que, em uníssono, se possa chegar a melhores resultados.

## 2. DISCUSSÃO E ANÁLISE CRÍTICA DOS RESULTADOS

Motivados por pressões similares e pela necessidade de comunicação que se tornava imperiosa, já em um passado mais distante, outras nações, como os Estados Unidos ou mesmo continentes, como a Europa, tentavam obter maior e melhor uniformização no aprendizado. As instituições responsáveis pelo ensino e pela avaliação de idiomas foram paulatinamente criando documentos, cujo objetivo era estabelecer uma padronização de diferentes critérios para que houvesse uma harmonia de pensamento. Hoje temos compêndios já bastante consolidados como o *Standardization Agreement (STANAG)* e o Marco Europeu Comum de Referência.

No âmbito do próprio Exército Brasileiro, foi estabelecido um sistema, cuja atualização foi feita mediante a Portaria no 133-EME, de 23 de junho de 2015 – Sistema de Ensino de Idiomas e Certificação de Proficiência Linguística do Exército. Seu escopo, assim como dos demais documentos anteriormente citados, entre outros aspectos, traça um perfil de conhecimento para cada habilidade linguística. Todos esses documentos apresentaram uma escala de proficiência e descritores linguísticos que balizam diferentes níveis.

Em decorrência da experiência obtida no ensino a diferentes grupos de alunos, bem como da definição clara

de metas graduais a se atingir, definidas pelos chamados descritores linguísticos, chegou-se naturalmente a uma nova pergunta, que resultou em dúvida e ansiedade em todos os participantes deste cenário, a começar pelo próprio aluno, passando pela família deste, chegando a instituições: qual seria o tempo necessário para se aprender um determinado idioma?

A resposta a essa pergunta traz a mesma dificuldade das questões de cunho social, posto que o estudo de um novo idioma acaba por se tornar a visão de uma outra cultura, com outros valores. Esse processo se apresenta, tantas vezes, extremamente complexo, haja vista que um idioma é fundamentalmente um fenômeno associado ao ser humano inserido em tão particulares circunstâncias. Daí se compreender que uma resposta única que envolva grande número de pessoas possa estar sob o risco de desconsiderar as tão importantes individualidades/subjetividades.

Ainda que inequivocamente se compreenda que existe uma trama na qual se enreda esse aparente imbróglio de cunho linguístico e cultural, o reducionismo aplicado ao ensino de uma língua estrangeira auxilia na elaboração de respostas. Isso facilita a aceitação de dados que descrevem o ser humano em um contexto de grupo.

Fruto da solução que pretende se utilizar de uma dinâmica mais simplificada, uma primeira equação se apresenta, na qual se contempla como incógnita o tempo e como variáveis a língua que se deseja aprender e a que se detém. Essa equação, então, pretende demonstrar como resultado uma realística expectativa sobre os prazos acerca dos quais uma pessoa lograria êxito na aquisição de uma segunda língua. Para isso, renomadas instituições fazem uso daquilo que se concebe como o “homem médio”, que, em última análise, mostrar-se-ia como um recurso que tem por meta englobar, se não todos, a imensa maioria dos participantes de um determinado grupo.

A fonte desse importante dado, portanto, deve ser avaliada com grande meticulosidade, pois esta pode conter conclusões que talvez sejam influenciadas ou até mesmo podem estar atreladas a interesses que respeitam, com igual peso, o rigor científico e a lei de mercado. Assim podem ser criadas expectativas que não correspondam à realidade ou mostrem uma situação parcial da aprendizagem.

Com base em dados estatísticos mais lineares do dito “homem médio”, torna-se mais fácil a compreensão e até mesmo a aceitação por parte da sociedade dos desafios do aprendizado. As informações repassadas revelam um feixe de tempo no qual o interessado em aprender um idioma terá sucesso, por isso torna-se comum o uso de expressões como: “aproximadamente” ou “grosso modo”, para indicar o tempo para ser considerado competente em um determinado nível linguístico.

Depois da tão aguardada resposta oferecida graças ao método reducionista, a mente perscrutadora e inquieta da experiência, entenda-se aqui experiência como a rotina de profissionais da área de ensino, acaba por sugerir que se tenha uma visão mais sistêmica e que conduzirá a uma equação que comporta a mesma incógnita – o tempo. Todavia expõe um número bem maior de variantes que poderão ser fundamentais para que o aluno tenha melhor ou pior desempenho no aprendizado de outro idioma.

Essas visões são mais flexíveis e possivelmente mais realistas, pois consideram aspectos de cunho mais individual e, por isso mesmo, podem se tornar mais representativas. A grande dificuldade na mensuração desses dados guarda em si mesma a dificuldade em dar caráter mais cartesiano ao estudo desse “tempo para aprender”.

Nesse mister de se considerar diferentes dados na busca por uma mais fidedigna resposta, algumas instituições, como o *American Council on the Teaching of Foreign Languages* (ACTFL), se utilizam de tabelas com múltiplas entradas, nas quais são considerados aspectos como a aptidão do aluno (baixa, média ou superior), o idioma já falado

pelo estudante (grupo linguístico) e o número de alunos em sala de aula, a fim de se determinar o período de tempo para se atingir determinada fluência/proficiência.

Ainda que já tenha sido feita referência a isso no parágrafo anterior, é importante ressaltar o fato do ACTFL realizar a separação de expectativa de aprendizado dos alunos em relação à língua alvo, as quais são consideradas segundo quatro grupos linguísticos distintos, conforme a origem dessas. Elas são analisadas segundo a similitude ou não em relação ao idioma inglês, sendo agrupadas conforme o presumível grau de dificuldade que apresentem em relação a sua aprendizagem.

A justificativa para tal separação em diferentes conjuntos encontra lastro em uma explicação da mesma instituição, mas em outro documento intitulado *Performance Descriptors for Language Learners*, que pode ser encontrado no endereço eletrônico: [www.actfl.org/sites/default/files/pdfs/ACTFLPerformance-Descriptors.pdf](http://www.actfl.org/sites/default/files/pdfs/ACTFLPerformance-Descriptors.pdf):

**Quando a linguagem é semelhante, os cognatos tornam-se uma ferramenta muito útil para desvendar significados e para ajudar a lembrar do vocabulário. Por outro lado, quando os alunos se deparam com idiomas com mínima semelhança com sua língua nativa, algumas novas estratégias precisam ser empregadas para entender e ser entendido. (p.12, tradução nossa)**

Proveniente de um ou outro método, com tabelas mais simples ou mais complexas, uma coisa é certa acerca dessa abordagem: haverá uma resposta que se traduzirá em um período de tempo. Esse perseguido “cálice” da aprendizagem de um novo idioma traz em seu bojo, todavia, muito mais que um simples dado numérico que vai à esteira de todas as questões já aqui elencadas e que se torna pouco abordado. Talvez por sua dinâmica muito pessoal e que se revela pelo conceito implícito na chamada *“Guided Learning Hours”*, que, em uma adaptação ao português, poderia se considerar como “carga horária”.

O número de horas apresentado nas tabelas já explicadas pressupõe, em uma análise bastante superficial, a dedicação de um profissional junto ao aluno, o que não exime esse, de realizar o estudo extraclasse de modo a reforçar os conceitos estudados. Melhor dizendo: esse estudo extra não é somente uma possibilidade interessante, mas também uma obrigatoriedade sem a qual haverá uma lacuna irreparável de conhecimento que não possibilitará ao aluno atingir a meta almejada. Ainda em relação a esse “tempo extra”, cabe ressaltar que ele é, evidentemente, pessoal e, por isso mesmo, variável conforme a capacidade de cada um, seu interesse etc.

Após uma rápida avaliação das engrenagens que movimentam o sistema que congrega desde aspirações e limitações pessoais, até anseios institucionais, pode-se compreender que o “Graal” da aprendizagem – a resposta relativa ao tempo para se aprender outro idioma – será obtido socraticamente, isto é, fazendo-se novas perguntas, visando a responder aos anseios daqueles que almejam um dado pronto, ou seja, uma resposta cartesiana.

No caso de instituições cujo tempo é absolutamente inelástico ou inflexível, posto que há prazos bastante

definidos, a solução encontra-se na melhoria ou mesmo mudança das outras variáveis do problema. Deve-se ter em mente, portanto, que medidas que melhorem o desempenho do aluno, como o número de pessoas em sala, a qualificação dos professores, a regularidade das aulas, a metodologia aplicada e, na medida do possível, o aumento do interesse dos alunos, entre tantos outros aspectos, serão o alvo passível de aprimoramento nessa equação que busca a excelência do processo ensino-aprendizagem.

---

O AUTOR É O CEL R/1 POSPIESZ, DA ARMA DE INFANTARIA, DA TURMA DE 1987 DA ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. FOI CHEFE DA SEÇÃO DE ENSINO C - IDIOMAS - NO PERÍODO DE 2008 A 2017. ATUALMENTE, É PROFESSOR NA CADEIRA DE INGLÊS DA AMAN, FUNÇÃO QUE DESEMPENHA DESDE 2018.



---

## REFERÊNCIAS

COMMON EUROPEAN FRAMEWORK GUIDED LEARNING HOURS (FROM BEGINNER LEVEL). Disponível em: <https://support.cambridgeenglish.org/hc/en-gb/articles/202838506-Guided-learning-hours>. Acesso em 25 Jul. 2018.

HOW LONG DOES IT TAKE TO BECOME PROFICIENT? Disponível em: <https://www.languagetesting.com/how-long-does-it-take>. Acesso em 25 Jul. 2018.

ACTFL PERFORMANCE DESCRIPTORS FOR LANGUAGE LEARNERS. Disponível em: <https://www.actfl.org/sites/default/files/pdfs/ACTFLPerformance-Descriptors.pdf>. Acesso em 25 Jul. 2018.